

A PALAVRA NÓMADA. CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO GÉNERO EPISTOLAR¹

Isabel Roboredo Seara
Universidade Aberta

ABSTRACT:

“A palavra nómada. Contributos para o estudo do género epistolar” is a study that aims at discussing the epistolary genre, a field of research which has been overlooked by linguistic analysis in Portugal.

The analysis of epistolary texts is rather complex, not least because of the confluence of different disciplines in the very nature of the text.

The versatility of the “modus epistolaris” - this nomadic expression of thinking, rebellious and resisting classification - invites a multiply focused approach. In my analysis, literary history, epistolary literature, rhetoric, and different approaches of linguistic analyses were used. The model of analysis IAED (Interactive Analysis of Epistolary Discourse), which was conceived in the course of my doctoral research, stresses this perspective, and intends to integrate and strengthen this kind of approach.

This work shows the relevance of epistolary texts of celebrated Portuguese writers, and undertakes, prospectively, the publication of their often forgotten and neglected epistles.

The goal of this research is to investigate the metamorphosis of verbal routines in epistolary texts, indicating either the abandonment of the classical and rigid structure of the epistle, or the immutability of some routines and the resulting volatility of others.

Rooted in the proof and defence of the hypothesis of a “renaissance” and “reconnaissance” of the epistolary genre, this research aims at contributing to the construction of a theory of the “modus epistolaris”.

KEYWORDS: *Texto epistolar; Análise do discurso; Pragmática; Retórica.*

1. A palavra nómada: definição do género epistolar e identificação dos traços distintivos

O género epistolar tem o estigma do gesto nómada, peregrino, vagabundo e ficou reduzido, ao longo das últimas décadas, ao seu estatuto subalterno. Os textos epistolares, esses textos intimamente amarrados às pessoas e à sua história, coleccionados fervorosamente, editados, queimados, violados têm sido considerados pertença de um género menor e secundário. São apenas amplamente glorificados quando explicitam dados biográficos misteriosos ou quando, de forma subsidiária, esclarecem ou desvendam factos históricos ou sociais.

As investigações sobre o epistolar, apesar dos progressos notáveis no plano da poética e da crítica literária², não conheceram ainda uma análise pragmática que propusesse uma teoria sólida e coerente para o estudo deste imenso manancial sociológico (e, particularmente, sociolinguístico) onde se inscreve.

Em 1982, Janet Altman, na sua obra *Epistolary, Approaches to a Form*³ propõe a descrição de um novo conceito, o de epistolaridade (“epistolarity”). Ainda que esta obra teorize sobre o que vulgarmente se designa “romance epistolar” (define-se a natureza de textos ficcionais, o que não se integra no âmbito do nosso trabalho), a origem da criação de novos significados através desta tipologia textual aplica-se indistintamente a todo o texto epistolar.

Ora, na origem destes textos, há uma ausência⁴.

O texto epistolar serve como intermediário, como mediação e surge pela primeira vez associadas as expressões metafóricas para esta qualificação (a ponte, como metáfora da intimidade e o fosso, prelúdio e metáfora da separação e da indiferença).

En tant que moyen de communication entre le destinataire et le destinataire, la lettre enjambe le gouffre entre l'absence et la présence; les deux personnes qui se “rencontrent” grâce aux lettres ne sont ni

¹ Este texto que apresentámos no II Fórum de Partilha Linguística reproduz parte da investigação que realizámos no âmbito do doutoramento. Para uma abordagem mais completa do tema, incluindo a referência a fontes bibliográficas que, por uma questão de espaço, aqui tivemos de omitir, pode ler-se em Isabel Roboredo Seara 2006. *Da epístola à mensagem electrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*, Lisboa: Universidade Aberta.

² Cf. H. R. Jauss, *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.

³ Janet Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982.

⁴ *Ibid.*, pp. 127-128, 135, 140 e 150.

totalement séparées ni totalement unies. La lettre se situe à mi-chemin entre la possibilité d'une communication totale et le risque de l'absence totale de communication⁵.

Para que funcione eficazmente, este tipo de interacção deve encerrar confidencialidade, um misto de confiança e confidência, talvez confissão, dado tratar-se de uma actividade privada.

Somos todos epistológrafos e importa pensar que o género epistolar é, como aliás o demonstram os teóricos R. Duchêne (1990), B. Bray (1992), J. Altman (1982), V. Kaufmann (1990), D. Rougeot (1978), G. Haroche-Bouzinac (1995), uma das práticas discursivas mais generalizadas. Sucintamente, e porventura de uma forma minimalista, partiremos, então, da seguinte definição de texto epistolar:

É a expressão escrita de um “eu” não metafórico (quem assina corresponde ao sujeito enunciador) que se dirige a um destinatário também não metafórico, tendo esta dupla restrição a finalidade de eliminar desta nossa análise a ficção epistolar. Forma de comunicação e de troca, o texto epistolar une, num projecto comum, duas instâncias (destinador e destinatário) postulando-se o conceito de reciprocidade. Nascido de uma ausência conotada negativamente, o texto epistolar tem amiúde uma função metonímica e testemunha, de forma eloquente, a coalescência de diversas temporalidades⁶.

Apresentamos, agora, os traços distintivos que consideramos pertinentes para a definição e consagração do género:

- na origem, há uma ausência;
- trata-se de um meio de comunicação escrita;
- traduz uma actividade singular /individual/privada;
- pressupõe um dispositivo externo relativo à especificidade da situação de comunicação que implica e impõe o seu uso;
- a comunicação epistolar desenrola-se em situação não partilhada que motiva o emissor à especificação, através de determinados elementos peritextuais (envelope, datação, localização, assinatura) e textuais, da sua identidade, a da(s) do(s) seu(s) destinatário(s) e do quadro espaço-temporal em que se inscreve a sua actividade;
- o destinatário é identificável no texto (mesmo que o verdadeiro interlocutor não seja, em última instância, aquele que a situação enunciativa representa);
- é uma experiência recíproca, dominada pelo desejo de troca;
- pressupõe uma noção importante - a de pacto epistolar, ou seja, existe a expectativa de uma resposta;
- é um lugar de polivalência e de ambiguidades temporais, decorrente de uma interacção descontínua;
- constrói-se com base numa sucessão de hiatos (temporais, espaciais, etc.);
- constitui, no plano social, uma recriação pessoal de um espaço codificado de comunicação social. É uma escrita codificada, normalizada que releva contudo da expressão espontânea. Escrever um texto epistolar não é a simples transcrição de fórmulas canónicas registadas em qualquer manual ou “secretário”. Bernard Beugnot (1990) designa-a como uma escrita “à la manière de soi”⁷;
- representa, no plano ontológico, um intermediário insubstituível entre presença e ausência. Tem por finalidade dizer da nossa existência, da nossa saúde, das nossas notícias e sobretudo da suposta ou pretensa exigência da reciprocidade;
- situa-se entre o permitido e o interdito. É portador de confidências, de segredos, de compromentimentos, daí que por vezes o emissor jogue, habilmente, com a necessidade do anonimato;
- revela, a nível antropológico, uma estreita articulação entre o individual e o social. Como discurso ritualizado, como porta-voz de estratégias sociais, afectivas, culturais, o discurso epistolar é revelador de uma relação intrínseca entre duas entidades: a pessoa e a sociedade. Basta pensarmos nas cartas do século XIX, para facilmente descortinarmos as atitudes comportamentais que revelam as normas sociais: os rituais de noivado e de casamento, de educação, de condolências, etc.;
- a distância que separa emissor e receptor, este virtualmente presente em todo o texto, torna-se uma modalidade de organização textual e inscreve-se nela com a especificidade que decorre da sua função comunicativa;
- a assumpção de um eixo comunicativo produz um efeito de distância mostrando o referido aspecto diferido da comunicação epistolar. Um dos seus elementos identificadores é o facto de as localizações

⁵ *Ibid.*, p. 43, na tradução de Benoît Melançon, *Diderot Épistolier. Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Québec, Fides, 1906, p.33.

⁶ Esta definição é inspirada na de Benoît Melançon, sendo a tradução e a adaptação nossas. B. Melançon, *Diderot Épistolier. Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*, Bibliothèque Nationale du Québec, Éditions Fides, 1996, p. 47.

⁷ Essa mesma designação consta do título do seu artigo “De l’invention épistolaire: à la manière de soi”, *L’Épistolarité à travers les siècles. Geste de communication et/ou d’écriture* - Colloque Centre Culturel de Cerisy la Salle, Mireille Bossis e Charles A. Potter (org.), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, pp. 27-38.

espácio-temporais assumirem, como ponto de referência, o lugar e o tempo da situação de enunciação.

Tal como afirma Landowski (1988:19), a carta define-se, não pelo seu conteúdo (qualquer que ele seja), mas, sobretudo, por um determinado dispositivo externo, relativo à situação de comunicação que implica o seu uso e em que se enraíza:

Point n'est besoin d'insister sur le fait que la lettre, indépendamment des contenus qu'elle a pour objet de transmettre sur la dimension cognitive, est d'abord, en elle-même, un objet-message, au sens littéral du terme, destiné à passer de main en main, et qui met par conséquent en jeu les spécificités inhérentes à toute circulation de valeurs sur la dimension pragmatique.

No discurso epistolar tradicional existe, *ab initio*, uma disjunção pragmática que constitui a base da definição do conceito. Esta disjunção entre a distância, num plano espacial, que se mede, que se aspectualiza e que corresponde ao afastamento físico, real e efectivo entre os correspondentes e a distância num eixo temporal, retomando aqui a definição canónica de comunicação diferida (Violi, 1988) e (Roulet, 1995).

O discurso epistolar exhibe constantemente a sua própria situação de enunciação através de referências explícitas às categorias de pessoa, tempo e lugar (Violi, 1988: 28).

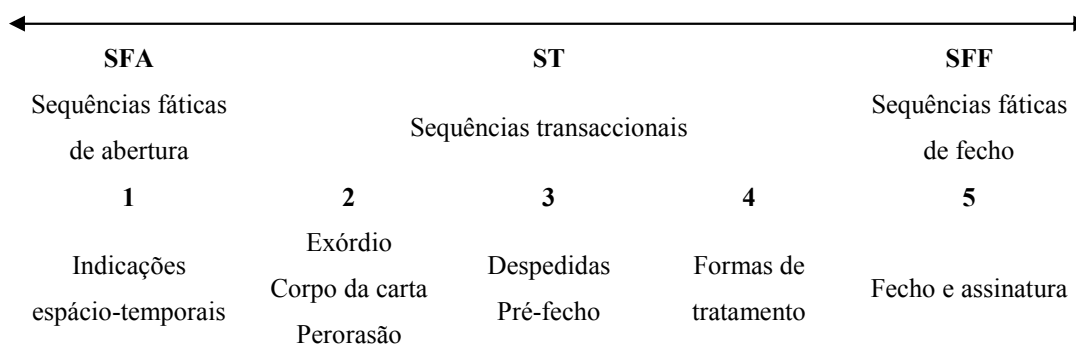
Em detrimento de uma inegável diversidade, o discurso epistolar apresenta um número de constantes composicionais que integram a sua macro-estrutura. (Bastará lembrar as cinco partes que constituíam a tradição medieval da carta: *salutatio, captatio, benevolentiae, narratio e petitio*).

2. Modelos de análise: modelo AICE

Uma vez definido o objecto da nossa investigação – o texto epistolar – imperioso se tornou delimitar um enquadramento teórico que possibilitasse a sua análise.

A nossa análise será tributária da linguística, principalmente da Pragmática e da Análise do Discurso, dada a constatação da natureza discursivo-pragmática destes textos. O modelo AICE, Análise Interaccional da Comunicação Epistolar será explicitado a seguir.

Relativamente aos modelos linguísticos de análise do texto epistolar, destaca-se o modelo da Adam (1998) que, numa perspectiva igualmente pragmática e textual, propõe a análise do texto, partindo da existência de uma macro-unidade: o texto dialogal. Este contributo de Adam é muito importante, pois retoma os implícitos da tradição retórica clássica e medieval em cinco partes, limitando-se, contudo, à análise da superfície discursiva.



Esquema 1: Adam (1998: 41)

Por seu turno, o modelo que concebemos pretende integrar e aplicar à análise do discurso epistolar diferentes pontos de vista teóricos resultantes de diferentes níveis de análise textual, retomando categorias propostas pela análise conversacional, pela psicologia social, pela sociolinguística, pela análise do discurso, pela retórica e pela teoria da literatura.

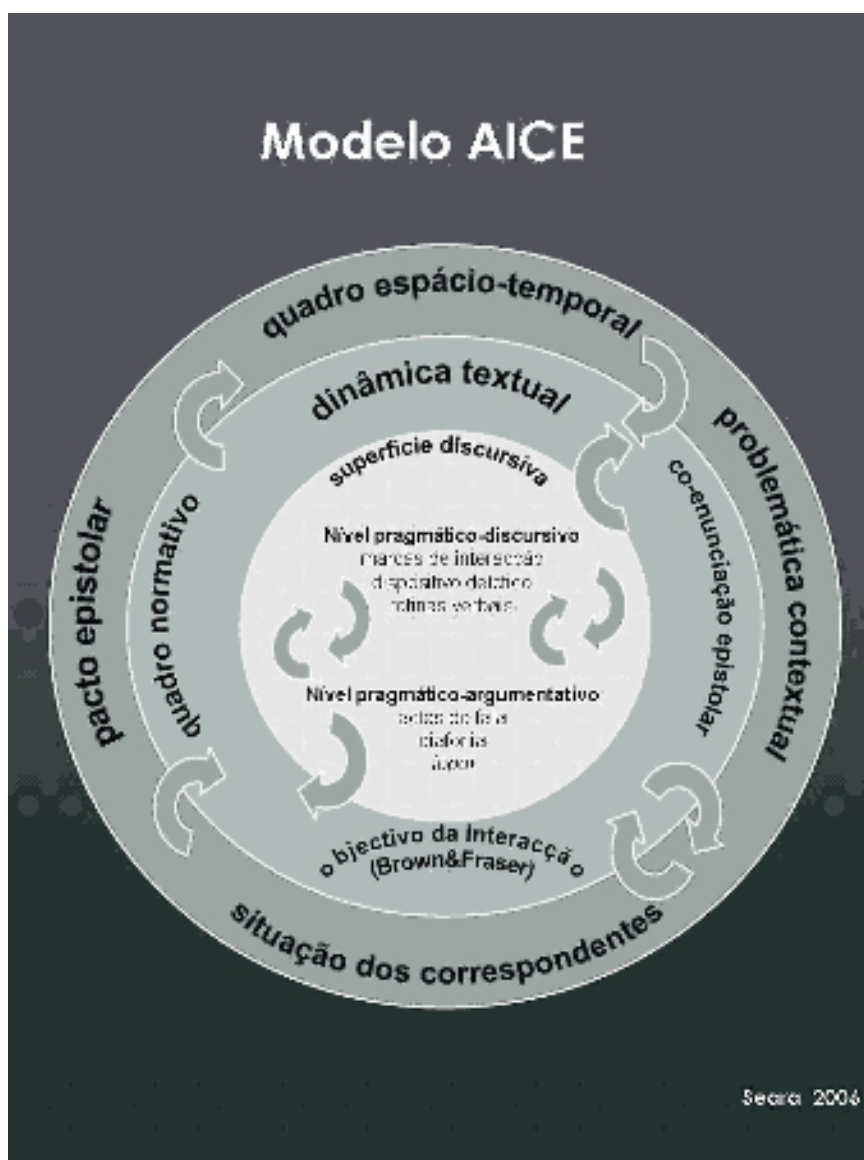
Concebemos este modelo – que se observa no **Quadro I** – articulando, de forma concêntrica, três níveis de análise que, como as setas tentam elucidar, se influenciam mutuamente. Assim, porque a comunicação epistolar é um modo de comunicação assíncrono, num primeiro nível, deve pré-existir um enquadramento da situação: analisar-se-ão o quadro espaço-temporal, a problemática contextual, e a situação dos correspondentes, situação que releva da categoria social (classe, sexo, idade) e dos papéis relacionais (amigo, familiar, professor).

Num nível mais interno, analisar-se-ão os mecanismos da dinâmica textual: o quadro normativo que definiremos, como Cosnier (1987), como o conjunto das prescrições e proscricções convencionais, que compreende as exigências e as normas sociais, sejam as regras de negociação, sejam as de delicadeza; a co-enunciação epistolar e o objectivo da interacção, no sentido de Brown&Fraser (1979) que, apesar de preexistir à interacção, é construído, progressiva e permanentemente, no desenrolar da correspondência.

O último nível de análise será aquele que tradicionalmente se opera nos estudos epistolares, confinando-se à análise da superfície discursiva. Como considerámos insuficientes o modelo de análise das unidades sequenciais de Adam (1998) e o modelo de turnos de escrita, apresentado por Kerbrat-Orecchioni (1998), propomos que esta análise da superfície discursiva contemple dois níveis:

- um nível pragmático-discursivo, em que se analisam as marcas idiossincráticas da interacção epistolar, as formas de abertura, de fecho, de tratamento, de delicadeza e o dispositivo deíctico;
- um nível pragmático-argumentativo, em que se destacam os actos de fala mais significativos no *corpus* epistolar em análise e se identificam os *topoi* presentes, ao longo dos séculos, neste tipo de correspondência.

Quadro I



3. Rotinas verbais e a sua dimensão configuracional

Quando nos propomos analisar as rotinas verbais configuradoras do género epistolar, subscrevemos a posição de F. Coulmas (1981) que refere, a esse propósito, que os actos de fala são elementos de estruturas maiores e que a própria organização sequencial é rotinizada:

“Typically, speech acts are not only internally structured, they are also elements of larger structures. Their sequential character is part of what normal speakers know about language. To some extent, the sequential organization of conversation is routinized”⁸.

Adoptamos, então, a definição de Coulmas que, após considerar que as interacções do quotidiano envolvem rituais, convenções e rotinas, explicita e define rotinas verbais como: “(...) tacit agreements, which the members of community presume to be shared by every reasonable co-member. In embodying societal knowledge they are essential in the handling of day-to-day situation. Routines are kinds of interactions where no “negociation” is necessary between individuals. In the enactment of verbal routines the creativity of language is social canalised according to successful solutions of recurring verbal tasks, fixed by functional appropriateness and tradition”. (Coulmas, 1981: 3-4)

As rotinas são enunciados que satisfazem esta dupla condição:

- têm uma formulação fortemente estereotipada
- têm uma função sobretudo relacional, decorrendo do seu carácter repetitivo o esvaziamento do conteúdo.

3.1. Rotinas de abertura

A abertura das cartas familiares patenteia uma extrema heterogeneidade que vai desde a saudação trivial mais comum, que se traduz numa expressão apelativa conjuntiva, sendo o *incipit* preenchido pelas formas canónicas de abertura “*meu caro amigo*”, “*prezado amigo*”, “*querido N*”, até ao registo, em situações de intensa proximidade temporal, da ausência de expressão apelativa. Na estrutura de abertura aparece raramente a saudação complementar e que reproduz o questionamento sobre o estado geral do destinatário e cuja formulação canónica é do tipo “*como tem passado?*”, e constatada a sua fraca ocorrência não a incluímos na estrutura modelo apresentada.

A estrutura prototípica de abertura de missiva obedece genericamente ao esquema:

ESTRUTURA PROTOTÍPICA DE ROTINAS DE ABERTURA DE MISSIVA

- 1.[Acto de localização espaço-temporal] +
- 2.[Expressão apelativa conjuntiva] +
- 3.[Comentário sobre o quadro espaço-temporal] +
- 4.[Acto de acusação de recepção] +
5. [Acto de pedido de desculpa] +
6. [Acto de justificação]
- 7A. [Acto de agradecimento] ou 7B. [Acto de reprovação]

3.1.1. Acto de localização espaço-temporal

A localização espaço-temporal surge, na correspondência familiar, quase sempre **anteposta**:

(1) 9, *Holles St.*

Cavendish Square

*London, 22 de Outubro, 1855*⁹

(2) *Praia das Maçãs, Fontanelas, 11 de Agosto de 1975*¹⁰

⁸ F. Coulmas, “Introduction”, F. Coumas (ed.), *Conversational Routine. Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned speech*, Paris, New York, The Hague, Mouton Publishers, 1981, Vol. 2, p.2.

⁹ Carta 32, Eça de Queiroz, Emília de Castro, *Correspondência Epistolar. Cartas inéditas de Emília de Castro*, organização, introdução e notas de A. Campos Matos, Lisboa, Lello Editores, 1996, 2ª. Ed., p. 94.

¹⁰ Carta de Vergílio Ferreira a Jorge de Sena, *Cartas de Autores Portugueses*, p. 74.

Ou posposta:

(3) *Quando mais não possa ser, saiba V.M. que de muito fiel sentimento lhe faço presente. Sobretudo guarde e livre Deus a V.M. como desejo.*
*Torre, em 1 de Janeiro, 1650*¹¹

(4) *Paris, 23 de Janeiro de 1703*¹²

Ou também pode ser dada de forma específica/criativa:

(5) *Évora, dia da degolação do bautista (ou seja, 29 de Agosto)*¹³

(6) *Sábado de aleluia*¹⁴

(7) *Praecor diei jam sonat*

*Neuilly, 3.º. Sexta-feira do Advento, em preparo do Santo Natal, 25 de Novembro*¹⁵

(8) *Meu caro Prado*

*A sua tão excelente carta foi recebida no devoto Dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazónia, e da fadiga das águas atlânticas. Não esquecerei as queijadas da Sapa.*¹⁶

3.1.2. Expressão apelativa conjuntiva

Após o acto de localização, segue-se o que designámos por expressão apelativa conjuntiva. Escolhemos esta designação, porque julgamos que é reveladora do *incipit* das cartas, já que as designações “saudação de abertura” e “termo de endereçar” se adequam preferencialmente às estruturas da oralidade.

Estrutura prototípica da expressão apelativa conjuntiva

[Det. Possessivo] + [adj] + [categ. genérica de vínculo de amizade ou parentesco] + [nome]

Maioritariamente as expressões apelativas obedecem a uma estrutura prototípica, sendo mais recorrente o uso de [*meu querido*+nome] ou [*meu caro*+nome] ou tão simplesmente [\emptyset +nome] ou [diminutivo]. Passaremos, então, em revista, algumas variantes à forma prototípica, presentes nas cartas familiares que analisámos, mostrando a sua obediência ou transgressão à estrutura apresentada.

Estas formas de nomeação ou invocação iniciais podem surgir em lugar de destaque, à esquerda ou à direita, posicionando-se relativamente ao corpo do texto de forma isolada ou separada, podendo igualmente ser integradas no corpo do texto epistolar, nas primeiras linhas, funcionando como vocativo.

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (1987), “variados são os matizes afectivos expressos pelos possessivos”¹⁷, o que facilmente podemos constatar nestes primeiros exemplos, em que os possessivos têm um valor de confirmação da relação entre os mitentes. Reforçam, através da ênfase ou da explicitação, essa relação, que se pode traduzir, quer através do emprego do superlativo, quer através do uso simples do diminutivo.

Podem ser distintos estes valores afectivos da expressão apelativa conjuntiva, registando-se inclusivamente a possibilidade de uma simples expressão poder encerrar simultaneamente vários valores.

Os valores afectivos da expressão apelativa conjuntiva de abertura de missiva podem ser:

a) de intimidade, de amizade, de confirmação da relação afectiva pré-existente

11 Carta 298, D. Francisco Manuel de Melo, *Cartas Familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981, p. 305.

12 Carta de José da Cunha Brochado, *Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1944, carta 92, p. 151.

13 Carta 3, Frei António das Chagas, *Cartas Espirituais*, Selecção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1939, pp. 4-5.

14 Carta de Almeida Garrett a sua filha, Almeida Garrett, *Portugal na Balança da Europa, Cartas Íntimas*, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 287.

15 Carta de Eça de Queiroz a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 277.

16 Carta de Eça de Queiroz a Eduardo Prado, escrita de Paris em 1888, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 307.

17 Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1987, 4.ª Edição, pp. 324-326.

- (9) *Meu prezado camarada*¹⁸
- (10) *Meu querido pai e meu Senhor do meu coração*¹⁹
- (11) *Flórido meu*²⁰
- (12) *Meu bom amigo*²¹
- (13) *Caríssimo e laurentíssimo Eduardo*²²
- (14) *Ex.^{mo} Sr. e Meu Prezado Colega*²³
- (15) *Anitas*²⁴
- (16) *Minha adorada noiva*²⁵

b) de deferência, de respeito, de cortesia

- (17) *Vossa Mercê*²⁶
- (18) *Ill.^{mo} e Senhor meu primo e am^o*²⁷

c) de ironia, de malícia, de sarcasmo

- (19) *Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Burro e Amigo*²⁸

d) de invocação, com valores de ênfase ou criatividade

- (20) *Ó Osório!*²⁹
- (21) *Irmão em Além!*³⁰
- (22) *Filósofo e Irmão em Deus!*³¹

Estas expressões apelativas conjuntivas deixam transparecer o grau de proximidade afectiva entre os correspondentes. Ora, como o epistolar permite, só por si, a construção de relações, estas formas podem rapidamente passar de formas distantes e mais reverentes para formas mais íntimas.

3.1.3. Comentário do quadro espaço-temporal

No texto epistolar tradicional, a data e a indicação do lugar são procedimentos destinados a criar o efeito ou a ilusão da realidade.

Para os descodificadores de documentos epistolares, apraz registar na abertura destes escritos, muitas vezes intimamente privados, o detalhe que muitos epistológrafos dedicam ao *incipit* inicial. Essa prática que ditou mesmo a impressão de papel de carta com o nome e o remetente estampados, surge aos olhos dos destinatários (e de nós, posteriores leitores) como um valioso acréscimo de informação, permitindo descodificar indicações e esclarecimentos sobre os movimentos, os lugares de *déplacement* do epistológrafo.

Essa particularização incide não somente na especificação do dia da semana, sempre que a regularidade da comunicação o justifica, como também é visível na estrita e rigorosa menção ao local da escrita, seja ele privado (alguma divisão do espaço doméstico), seja ele público, tal como nos finais do século passado era hábito escrever-se de um café literário ou ainda, anunciando-se o local em que o escrevente se encontra hospedado ou mesmo o apartado para o qual deseja que o destinatário remeta a resposta.

Nas rotinas de abertura de missivas familiares surgem frequentemente comentários ao quadro espaço-temporal, realizados através de asserções descritivas, que informam o correspondente sobre essas coordenadas, servindo também para justificar factos narrados.

Neste exemplo, a referência à localização espaço-temporal dá conta simultaneamente do lugar tranquilo onde se encontra e da data, através da invocação do Santo patrono:

18 F. Pessoa a Jaime Cortesão, 22 de Janeiro de 1913, Fernando Pessoa, *Correspondência 1905-1922*, Edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 71.

19 Marquesa de Alorna, Inéditos, *Cartas e Outros Escritos*, selecção, prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1941, p. 45.

20 Antero de Quental, Carta de Antero de Quental a Flórido Teles de Meneses, *Cartas I*, 1852-188, Universidade dos Açores, Editorial Comunicação, 1989, p. 15.

21 Carta de Júlio Dinis a José Pedro da Costa Basto, 19.03.1871, *Cartas e Esboços Literários de Júlio Dinis*, p. 85.

22 Carta de Jorge de Sena a Eduardo Lourenço, apud José Francisco Costa, *A correspondência de Jorge de Sena, um outro espaço da sua escrita*, Lisboa, Edições Salamandra 2003, p.81.

23 Carta de Eça a António Enes, *Eça Cartas e Outros Escritos*, p. 165.

24 Júlio Dinis, *Cartas e esboços literários*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1979, p.30.

25 Carta de Eça de Queiroz a Emília de Castro, *Eça de Queiroz Emília de Castro, Correspondência Epistolar*, carta 24, página 78.

26 Carta de D. Francisco Manuel de Melo a um parente e amigo, *Cartas Familiares*, p. 274.

27 Carta de Camilo Pessanha a João Baptista de Castro, 19 de Novembro de 1893, *Cartas de Camilo Pessanha*, p. 36.

28 Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, 7 de Nov.1876, *Cartas e Outros Escritos*, p. 23.

29 Carta de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, s/d, *Cartas de Camilo Pessanha*, p. 21.

30 Carta de F. Pessoa a Armando Côrtes Rodrigues, 28-6-1914, *Correspondência 1905-1922*, p. 118.

31 Carta de Eça a Oliveira Martins, *Cartas e Outros Escritos*, p. 277.

(23) *Meu caro Prado*

*A sua tão excelente carta foi recebida no devoto Dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazônia, e da fadiga das águas atlânticas. Não esquecerei as queijadas da Sapa.*³²

3.1.4. Acto de acusação de recepção

A acusação de recepção de carta é dada através de expressões que exprimem quase sempre o prazer da recepção. Estas exclamações que mostram o efeito de sedução operado pela recepção da missiva são dadas por expressões afectivas e qualificativas e evidenciam que as trocas epistolares necessitam ser reactivadas através de apreciações favoráveis.

Este acto que consiste em acusar a recepção de carta surge geralmente acompanhado do acto seguinte, de agradecimento.

(24) *Õa vossa me deram, a qual pelo descostume, me pôs em tamanho espanto como contentamento, em saber novas de quem tanto as desejava; mas nem com esta vos forrareis do esquecimento que de mim tivestes em me não escreverdes antes de vos irdes.*³³

(25) *Recebi a sua carta que do coração agradeço e que é verdadeiramente de bom amigo.*³⁴

3.1.5. Acto de pedido de desculpa

A selecção da fórmula de desculpa utilizada depende da gravidade do dano provocado e da demora do atraso na resposta que, se forem de pequena monta, apelam a formas mais convencionais, recorrendo-se, todavia, a expressões de justificação mais elaboradas e, inclusivamente, a anúncios de arrependimento, quando a falta se considera mais gravosa.

O pedido de desculpa, tal como o acto de agradecimento, pode processar-se quer através de realizações directas, quer através das formulações indirectas.

No caso das realizações directas, aparece comumente o pedido através de uma expressão performativa: “peço-vos desculpa”; “peço-lhe que aceite as minhas sinceras desculpas”, “apresento as minhas desculpas” ou, as variantes elípticas: “desculpe”, “as minhas desculpas”, ou, ainda, enunciados no imperativo, com formas mais ou menos delicadas, através de modais: “Desculpe-me!” e “Queira desculpar-me!”

(26) *Porto, 24 de Dezembro de 1885*

Meu caro Jaime

*Perdoe à minha incurável preguiça epistolar o não lhe ter ainda escrito. Escuso dizer-lhe que foi com alvoroço de alegria que vi ultimamente letras suas. Oxalá que a Celeste vá melhor, ou antes, esteja de todo restabelecida.*³⁵

(27) *Meu querido Camarada*

*Não sei bem qual o género ou tipo de cimento armado em que deve ser construída a desculpa que tenho a apresentar-lhe. Esta carta responde à sua de 8 de Dezembro. Ora não há cimento armado que arcoalice já qualquer desculpa. Respondo, e parece impossível...*³⁶

3.1.6. Acto de justificação

As limitações materiais (a tinta, o papel, a pena), as limitações circunstanciais (referências à saúde, ao estado do tempo atmosférico, aos atrasos da posta e/ou serviços, à falta de tempo) induzem à repetição de estratégias justificativas. Estas configuram o pacto epistolar que exige reciprocidade e cumprimento das regras socialmente estabelecidas e que necessita de justificação, quando infringido ou quebrado. As justificações de atraso na resposta são frequentes: a desculpa mais frequente fundamenta-se na falta de tempo, que por ser mais fácil de admitir pela sua verosimilhança, é menos vexante do que o esquecimento, a preguiça ou a indiferença.

32 Carta de Eça de Queiroz a Eduardo Prado, escrita de Paris em 1888, *Cartas e Outros Escritos*, p. 307.

33 Carta de Luís de Camões, *Obras Completas*, com prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade, Vol III, *Autos e Cartas*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1946, p. 249 e seguintes

34 Carta de Eça de Queiroz a Mariano Pina, 15 de Agosto de 1888, *Cartas e Outros Escritos*, p. 137.

35 Carta de Antero de Quental a Jaime Batalha Reis, 10 de Janeiro de 1930.

36 Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões.

As estratégias justificativas estruturam-se em volta de três tópicos: a saúde, ou melhor a sua ausência; a referência ao tempo atmosférico e os atrasos nos serviços postais. (veremos adiante, quando referirmos os *topoi* epistolares)

3.1.7. Acto de agradecimento

O acto de agradecimento pode processar-se através de realizações **directas**: através de fórmulas performativas.

(28) *Mil vezes grato pela sua boa carta – e pelo cuidado com os meus negócios.*³⁷

A expressão de agradecimento inicial pode surgir, também, de **forma indirecta**, através de expressões assertivas:

- focalizadas no receptor do presente verbal, através da expressão de um sentimento de gratitude, de alegria ou de prazer:
(29) *Obrigado pelo conforto que ela (a carta) me trouxe.*³⁸
- focalizadas no autor do “presente verbal”, através de uma expressão elogiosa laudatória:
(30) *Como hoje é domingo, só tarde recebi a tua bondosa carta e não posso dizer-te, como desejo, a expansão que ela me produziu. És uma alma extraordinária; eu sou indigno de ti, acredita-o.*³⁹
- focalizadas no próprio “presente verbal”, ou seja, no próprio objecto epistolar:
(31) *“Infinitamente obrigado pelas cartas e mais e pequenas lembranças de V. Ex.^a; - máxima e quase única consolação que desde que larguei Lisboa tem sido dado receber ás velhas ulcerações incuráveis da minha alma. Peça a V. Ex.^a que não suspenda por uma vez essa esmola”*⁴⁰.

3.2. Rotinas de pré-fecho

Adoptamos a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1998) sobre interacção epistolar e de Traverso (1996) sobre a conversação familiar e designámos igualmente de rotinas de pré-fecho as que precedem obviamente o fecho da missiva, fazendo-se esse procedimento de suspensão através de um marcador (“*Bem, vou terminar...*” ou através de uma justificação súbita, não abordada anteriormente. O anúncio de fecho de missiva vem frequentemente acompanhado de um acto de justificação, como se fosse necessário explicar a “culpa” do interlocutor de pôr fim à interacção. Todas as circunstâncias que constituem a transição entre o corpo da carta e as rotinas de fecho parecem querer atenuar o efeito disfórico da separação e esses detalhes verídicos tentam mascarar o artifício de um fim inelutável⁴¹.

ESTRUTURA PROTITÍPICA DAS ROTINAS DE PRÉ-FECHO DE MISSIVA

1. Anúncio performativo (*tenho de acabar, agora vou terminar...*)

Este enunciado performativo como *vou terminar*; muitas vezes acompanhado de um modalizador deontico *Tenho de terminar....*

37 Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, Londres, 19 de Julho de 1885, *Cartas e Outros Escritos*, p. 95.

38 Carta de Eduardo Lourenço a Jorge de Sena, Coimbra, 29 de Fevereiro de 1952, p. 29.

39 Carta de Cesário Verde a Silva Pinto, s/d, p. 196.

40 Carta de Camilo Pessanha a D. Ana de Castro Osório, Macau, datada de 9. bro, 5, 916, p. 78.

41 Cf. Dauphin *et alii* afirmam: « Toutes les circonstances qui forment transition entre le corps de la lettre et la formule finale semblent vouloir atténuer l’effet de la séparation. Parmi les raisons plausibles – le temps qui passe, la fatigue, le devoir, le départ du courrier -, qui sont données comme une fatalité, comme si la volonté n’intervenait pas, l’épistolier choisit néanmoins celle qui paraît la plus recevable pour l’interlocuteur, celle qui parle de lui, de son cadre de vie, de ses activités, le détail véridique qui masque l’artifice de toute fin inéluctable.” *Ces bonnes lettres – Une correspondance familiale au XIXe siècle*, Paris, Bibliothèque Albin Michel, 1995, p. 112.

<p>2. Acto de justificação</p> <p>a) invocação clássica : necessidade súbita de fazer algo imprevisto e urgente</p> <p>b) justificação material: falha de papel ou de tinta</p> <p>c) justificação temporal: saída do correio para que chegue atempadamente ao destino, horário a cumprir</p> <p>d) saturação ou esvaziamento temático : “nada mais tendo para contar”...</p>
<p>3. Acto de promessa</p>

A invocação clássica advém da necessidade de fazer algo imprevisto. As alegadas justificações, que se prendem com mudanças súbitas de estado, são muito frequentes nas rotinas de pré-fecho. Nos primeiros dois exemplos, há um aviso sonoro que despoleta essa tomada de decisão, ou porque constitui um sinal de chamada a uma obrigação ou porque provoca um incómodo incompatível com a concentração do acto de escrita.

(32) *“É à pressa que lhe escrevo hoje, pois ouço já tocar o sino para a missa e não quero faltar a este dever de católico, que quase todos os domingos observo”*⁴².

(33) *Está-me bulindo os nervos uma campainha de não sei que cavalgadura que prenderam junto da minha porta; a minha impaciência nem me deixa escrever com o vagar que desejava. Outra vez serei mais extenso se tu responderes a esta pequena carta com outra o maior que possas fazê-la*⁴³.

3.3. Rotinas de fecho

As fórmulas finais fazem parte dos actos mais convencionais e mais ritualizados de qualquer actividade social. Goffman mostrou-nos que não podiam ser tratadas como “um resíduo vazio e trivial” (Goffman 1973: 75): “L’au-revoir clot la rencontre sans ambigüité, en résume les conséquences pour la relation et étaye celle-ci en prévision de la perte de contact à venir” (*ibidem*: 87). As rotinas de fecho constituem o acme da expressão afectiva e, para além das suas formas estereotipadas, devem ser entendidas como um momento crucial e decisivo, incluindo a expressão do agradecimento e o desejo de um reencontro.

ESTRUTURA PROTOTÍPICA DAS ROTINAS DE FECHO DE MISSIVA
<p>1. Acto confirmativo do elo relacional entre os correspondentes (Conf.)</p>
<p>2. Acto de saudação disjuntiva de despedida (Disj.): os abraços, os beijinhos e outras saudações familiares verbalizam uma saudação não verbal que é efectivamente de impossível realização, negando o título de Austin “Quando dizer, não é fazer!”</p>
<p>3. Actos euforizantes (Euf.)</p> <p>a) expressões de agradecimento</p> <p>b) votos prospectivos</p> <p>c) extensão (transmissão de cumprimentos)</p>
<p>4. Acto de reiteração (Reit.) por exemplo, reiterar o desejo que a carta chegue rapidamente ao destino, reiterar as melhores já formuladas no corpo da carta.</p>
<p>5. Acto de solicitação (Solic): estímulo ao correspondente que pode ser formulado através de</p> <p>a) um pedido</p> <p>b) um enunciado imperativo</p> <p>c) uma questão</p> <p>d) uma formulação de esperança</p>

⁴² Carta de Júlio Dinis, Ovar, 9 de Agosto de 1863, *Cartas e esboços literários*, p. 62.

⁴³ Carta de Júlio Dinis, Ovar, 16 de Maio de 1863, *Cartas e esboços literários*, p. 31.

6. Invocação divina (I.D)
7. Acto de subscrição (Subs)
8. <i>Post Scriptum</i> (P.S.)

(34) *Recebe, pois, meu caro, um abraço muito apertado e acredita que será para mim um dia de grande regozijo aquelle em que voltar a estar a teu lado.*⁴⁴

(35) *Adeus, querido e bom amigo! Dê as melhores saudades à Sr^a. D. Emília – e chuva de beijos às suas pequenas. Grande abraço ao bravo Jeco e Você lembre-se do seu bom e dedicado amigo*⁴⁵.

4. Topoi epistolares

Topos (no plural *topoi*) é um termo grego, cujo correspondente latino é *locus communis*, que traduzimos por lugar-comum. O sentido e a extensão desta noção de *topos* variaram ao longo dos séculos. É um termo caro à retórica. Em contraste com o *cliché* – e segundo Amossy e Herschberg (1997), o *topos* é uma noção antiga que, na sua origem, não encerra um carácter pejorativo. Os lugares-comuns ou *topoi* remontam à dialéctica e à retórica aristotélicas. São elementos fixos que se tornam progressivamente estereótipos de organização da reflexão. Os *topoi* que configuram o género epistolar familiar e que contribuem para a construção do dialogismo epistolográfico que analisamos são os seguintes:

4.1. Speculum Animi

Esta metáfora da carta como espelho da alma radica já em S. Paulo, na Segunda Carta aos Coríntios.

Esta metáfora do espelho estava imbuída, na época medieval, de uma conotação moralista, ligada à imagem do *speculum perfectionis*, ou seja, do espelho como reflexo perfeito e irreprensível.

As palavras de Frei António Chagas endereçadas a sua mãe são também eloquentes para explicitar esta imagem do *speculum animi*:

(36) *Recebi três cartas de V.P. e ùa delas me pareceu melhor que tôdas, porque serve de **espelho**, em que me vejo; queira Nosso Senhor que por estes gritos mudos, com que fala o papel e a tinta, ouça eu Sua infinita misericórdia, e que traga nos ouvidos da alma estas trombetas, que me põem diante o meu dia do juízo; porém rogue V.P. a sua Divina Majestade que, assim como fêz a V. P. despertador para as minhas advertências, faça de suas orações medicinas para a cura de minha alma e da minha negligência, e lhe dê eficacia para aproveitar-me delas.*

15 de Outubro de 1677

De V. P. filho e súbdito útil

*Frei António Chagas*⁴⁶

4.2. Currente Calamo

Esta imagem associa a prática epistolar a um gesto de improvisação. Aqui reside uma das razões que provoca a tensão e a controvérsia relativamente à inserção do epistolar no domínio literário. O literário, a obra em si mesma, requer uma ausência que parece em tudo similar à ausência que é a premissa da correspondência. Paradoxalmente, o epistolar é a afirmação da presença e de uma presença que se revela no gesto de comunicação transparente, sincero, ao correr da pena.

(37) *Meu querido pai e meu Senhor do meu coração*

(...) Li esta carta. A maior parte está miserável e quási indigna de ir; porém V. Ex.^a assim mesmo a quere e enfadar-se-ia mais que eu a copiasse.

Meu Pai do meu coração, dê-me V. Ex.^a a sua bênção e que Deus guarde V. Ex.^a como desejo e preciso.

São 17 de Setembro

De V. Ex.^a

⁴⁴ Carta de Eça a Luis de Magalhães, Paris, 18 de Setembro de 1891, *Cartas e Outros Escritos*, p. 247.

⁴⁵ Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, 20.07.1873, *Cartas e Outros Escritos*, p. 61.

⁴⁶ Frei António das Chagas Carta 31, pp. 79-81, in, *Cartas Espirituais*, Seleção, Prefácio e Notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1939

4.3. Conversação *in absentia*

Este *topos* da conversação é indubitavelmente uma das metáforas reiteradas e proficuas da escrita epistolar. Já a obra de Cícero anunciava esta imagem quando definia a carta como “uma conversa entre amigos ausentes” e, muito posteriormente, André Gide, numa carta datada de 1891, designa o epistolar como “un *illusoire dialogue*”. Este *topos* resistente filia-se na retórica que se alimentou sempre da arte da conversação.

(38) *Bristol, Agosto de 1887*

Meu querido Joaquim Pedro:

*Tenho tido várias vezes o desejo de te escrever – para **cavaquear**; mas não me tem sobrado o tempo, nem essa disposição epistolar que tanta glória rendeu a Cícero e a Sévigné. E hoje, limito-me a quatro linhas, com aquela concisão que deve ter uma pergunta nítida reclamando uma resposta nítida.*

[...] Eça de Queiroz⁴⁸

4.4. Carta -objecto

A materialidade da carta, silenciada na maior parte dos estudos do epistolar, parece-nos dever ser igualmente considerada. Antes de ser uma mensagem, a carta é um objecto que reconhecemos, que palpamos, que criamos e que só posteriormente endereçamos.

A carta enquanto objecto, e objecto de afeição, impele à sua conservação e como bem precioso e por vezes secreto (se falarmos do epistolar amoroso) a sua tangibilidade raia o fetiche. A sensualidade física da carta permite gestos que vão desde a leitura repetida à contemplação, do recato à exposição, do amachucar e rasgar ao acto mais extremo e desesperado de queimar.

(39) *Se as cartas não fossem cartas, muitas vezes escreveria a V. M., como desejo, mas porque o são, o não ousa de fazer, pois as não leva o vento, como palavras e plumas, antes se guardam tão bem, que a todo o tempo se pode pedir razão de como se escreveram e porque as escreveram.*

Évora, 20 de Novembro de 1535⁴⁹.

4.5. Autoreferencialidade

Ao discurso epistolar estão subjacentes as coordenadas espaço-temporais dos correspondentes. As referências espaciais e cénicas têm um papel fundamental na compreensão dos textos epistolares. Qualquer que seja o conteúdo informativo da carta, o signatário cumpre um conjunto de procedimentos fixados pelas regras de apresentação: é imperioso que se situe no tempo e no espaço, inscrevendo a data e o local. A indicação do lugar de onde escreve, dos acontecimentos que envolvem o acto permitirão ao interlocutor imaginar a cena, decodificar os indícios apresentados no enunciado, pois estes são decerto indícios-estímulo que despertam memórias e quadros de referências. Recuperando a metáfora dramática da vida social como palco permanente proposta por Goffman (1973) e corroborada por Dauphin *et al* (1995) quando afirmam: “on peut considérer que le geste épistolaire opère une mise en scène de la même façon que l’écriture dramaturgique dispose autour de, ou dans le texte proprement dit, un ensemble de mentions sur le décor, les accessoires, les postures et les mouvements des acteurs, autant de marques nécessaires à la compréhension de la pièce pour celui qui la lit”(1995 : 115).

(40) *A irregularidade da minha vida epistolar provém de que eu penso sempre as minhas cartas antes de as escrever. E como as penso inteiras, acabadas, desde a data até ao seu e.c., fico com a ilusão física de que as escrevi, as sobrescrevi, as estampilhei. Daí certo espanto quando os amigos se queixam do meu silêncio, da minha negligência – porque eu, pelo pensamento (e só o pensamento é uma realidade), sou, na minha correspondência, tão activo como Cícero, quase como a Sévigné.*

47 Marquesa de Alorna, *Inéditos, Cartas e Outros Escritos*, Selecção, Prefácio e Notas do Prof. Hermâni Cidade, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1941, p. 9.

48 Carta de Eça de Queiroz a Oliveira Martins, Eça de Queiroz, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edições Livros do Brasil, 2001, p. 121.

49 Garcia de Resende, “O Instituto”, vol. XV, 1872, p. 191, sobre o cód. C III/2-26 da Biblioteca de Évora, in André Rocha, *A Epistolografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 71 a 76.

*Hoje, porém, à cautela, escrevo antes de pensar, porque também sinto saudades suas e o desejo de conversar.*⁵⁰

4.6. Ecos: Modalidade Recapitulativa

A referência a uma carta ou a um acontecimento antecedente ou concomitante é uma das principais modalidades do epistolar. A retoma e a reformulação diafônicas (Cf. Roulet 1985:71) de missivas recebidas através da apropriação do discurso do outro que pode fazer-se através da citação propriamente dita ou da integração comentada e da reformulação.

- (41) *Não creio ter-lhe dado motivo para supôr em mim quebra da nossa boa, singela e velha amizade; digo isto, porque sinto nas palavras da sua carta o que quer que seja que denuncia suspeitas a tal respeito*⁵¹.

4.7. Estratégias justificativas

As limitações materiais (a tinta, o papel, a pena), as limitações circunstanciais (referências à saúde, ao estado do tempo atmosférico, aos atrasos da posta e/ou serviços, à falta de tempo) induzem à repetição de estratégias justificativas. Estas configuram o pacto epistolar que exige reciprocidade e cumprimento das regras socialmente estabelecidas e que necessita de justificação quando infringido ou quebrado. As justificações de atraso na resposta são frequentes: a desculpa mais frequente fundamenta-se na falta de tempo, que por ser mais fácil de admitir pela sua verosimilhança, é menos vexante do que o esquecimento, a preguiça ou a indiferença.

4.7.1. Referências à saúde

- (42) *Eu por aqui vou com o caruncho dos 66 que ora me sobe aos brônquios, ora me desce à bexiga, quando não faz como Santo António, estando ao mesmo tempo em ambos os lugares. Escrevo esta, vencendo a minha crescente repugnância à literatura epistolar, por causa de um pequeno negócio.*⁵²

4.7.2. Referências ao estado atmosférico

- (43) *Como a continuação das chuvas tem feito impraticáveis os caminhos, não chegam as postas nos dias regulados, e daqui nasceu, sem dúvida, não havermos recebido cartas dessa Côte no último ordinário.*⁵³

4.7.3. Atrasos da posta ou serviços

A correspondência é, pela sua natureza, dependente do sistema que permite a interação. É graças à regularidade e à eficiência do sistema da posta ou do correio que se podem desenrolar os rituais epistolares. A referência às fragilidades, dificuldades e falhas do sistema (aos níveis do envio, da segurança, da confidencialidade, do extravio) são abundantemente referidas na enunciação epistolar.

- (44) *Minha querida amiga*
*O correio, como me dizia na sua carta, com efeito, nunca chega! Estou receando que, em vez de seguir a direito como o afixa o Estado e o Guia dos Caminhos de Ferro, ele flana pelas estradas, pára à sombra das árvores a fumar o seu cachimbo de vadiagem, e durma a sesta sur l'herbe tendre -, enquanto as pobres almas que ele devia fazer comunicar e que pagaram honradamente a sua estampilha para comunicarem, se desespèrent et languissent.*⁵⁴

4.8. Pacto epistolar

50 Carta de Eça de Queirós a Domicio da Gama, 26 de Setembro de 1899, *Cartas de Autores Portugueses*, Lisboa, Edição dos Correios e Telecomunicações de Portugal, 1987, p. 15.

51 Alexandre Herculano, *Cartas*, Tomo II, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d, p. 90.

52 Alexandre Herculano, *Arquivo Histórico Português*, Vol. VIII, p. 151, apud André Rocha, *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 251.

53 José da Cunha Brochado, *Cartas*, carta 48, p. 79.

54 Eça de Queiroz, carta escrita de Londres a 7 de Outubro de 1885 a Maria Emilia, Eça de Queiroz Emilia de Castro, *Correspondência Epistolar, Cartas Inéditas de Emilia de Castro*, Lisboa, Lello Editores, 1996, p. 66.

Raros são os estudos no âmbito da linguística textual que conferem uma importância significativa à noção de pacto⁵⁵. Esta noção, inspirada da noção de “pacto autobiográfico” que emerge das análises de Philippe Lejeune (1976), foi claramente retomada por Janet Altman (1982), por Vincent Kaufmann (1999) e por Jean-Louis Cornille (1983). Como observa Altman, o parâmetro básico é a noção de pacto epistolar:

“What distinguishes epistolary narrative from these diary novels, however, is the desire for *exchange*. In epistolary writing the reader is called upon to respond as a writer and to contribute as such to narrative. I insist upon the fact that the reader is “called upon” to respond” (1982: 89).

A esta procura da reciprocidade, a autora acrescenta a definição de pacto: “To a great extent, this is the epistolary pact – the call for response from a specific reader within the correspondent’s word”(ibidem: 89)

O não cumprimento do pacto da regularidade pode acarretar consequências negativas, porquanto o silêncio é virtualmente portador de uma ideia de negatividade e mesmo de intranquilidade.

Esse pacto cria uma disciplina, uma forma de obediência que os próprios correspondentes anunciam:

(45) *Estou-lhe em dívida já há bastante tempo. Se não fosse confiar na bondade do credor seria com verdadeiras apreensões que hoje lhe iria falar, mas conheço-o há tanto tempo que me não falece o ânimo ainda. As suas cartas são-me em extreme agradáveis; fala-se muito nelas em coisas do coração e eu, por enquanto, fraqueza própria da idade, ainda não pude habituar-me a fazer menos caso deste simpático órgão, tão desprezado hoje em dia*⁵⁶.

É, como demonstrámos, inevitável reconhecer a importância configuradora e a ampla difusão destes *topoi* nas correspondências familiares que espelham o carácter repetitivo das temáticas que se mantêm invariáveis ao longo dos séculos.

5. Conclusão

A forma epistolar é uma forma insubstituível da arte da sociabilidade⁵⁷.

Escrever uma carta é situar-se num nível superior: intelectual (porque exige reflexão), afectivo (porque partilha a intimidade) e moral (porque obriga a implicação). O poder heurístico da forma epistolar reside nesta tríplice explicação. *A contrario*, não escrever, qualquer que seja a causa, prática (porque o tempo escasseia), intelectual (porque o talento é avaro), afectivo (porque o coração o impede) ou moral (porque carece de coragem), é recusar envolver-se na intimidade e na implicação. E a carta é mais do que um “*chiffon de papier*”⁵⁸, é manifestamente um “*fragment heureux*”⁵⁹.

Tentámos mostrar que o texto epistolar não deve ser enjeitado ou olvidado, pois continua a integrar, de forma notavelmente surpreendente, o nosso quotidiano. Estudámos as rotinas. Recenseámos os *topoi*, como elementos de regularidade, de normatividade, de repetitividade que configuram o género epistolar. Cremos, modestamente, que o véu que solevámos permitirá, no futuro, aprofundar devidamente, o *modus epistolaris*, sendo, esta, apenas, a nossa possível e modesta contribuição.

55 Paradoxalmente, no âmbito dos estudos literários, multiplicam-se as abordagens desta noção de pacto.

56 Carta de Júlio Dinis, Ovar, 17 de Junho de 1863, *Cartas e Esboços Literários*, Porto, Livraria Civilização Editora, 1979, p. 56.

57 Cf. Isabel Roboredo Seara, “Texto epistolar: epifania do eu ou culto do social?”, Colóquio *Formas e espaços de sociabilidade. Contributos para uma história da cultura em Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta/ Instituto Camões, 24 de Maio de 2006 (no prelo).

58 Brigitte Diaz, *La Lettre ou la pensée nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 7.

59 A expressão “fragment heureux” de Christian Meurillon (1984: 18). E assim explicitada: “Ela/ele é feliz porque resistiu não só à labiríntica e perigosa viagem, como à deterioração natural do seu suporte (outro factor de fragilidade). Resistiu também ao seu próprio destino. É, assim, salva, que a carta se apresenta à nossa “felicidade” de leitores póstumos” (Parreira da Silva 1998: 12).

Referências

- Adam, Jean-Michel 1998. Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. In *La lettre entre réel et fiction*, Jürgen Siess (dir.). Paris: Sedes, pp. 37-53.
- Altman, Janet Gurkin 1982. *Epistolary, Approaches to a Form*. Columbus: Ohio State University Press.
- Amossy, Ruth e Anne Herschberg Pierrot 1997. *Stéréotypes et clichés*. Paris: Nathan Université.
- Beugnot, Bernard 1987. L'invention épistolaire à la manière de soi. In *L'épistolarité à travers les siècles, Geste de Communication et/ou d'écriture*, Bossis, Mireille e Charles A. Porter, *Colloque International sur les Correspondances*. Cerisy La Salle, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, pp. 27-38.
- Bossis, Mireille (dir.) 1990. *L'épistolarité à travers les siècles. Geste de communication et/ou geste d'écriture, Actes du colloque culturel international* (Cerisy La-Salle 1987). Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- Bossis, Mireille 1994. Introduction. In *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*. Paris: Éditions Kimé., pp. 9-13.
- Bray, Bernard 1992, Treize Propos sur la Lettre d'Amour. *Textuel* n° 24, La Lettre d'Amour, juin, pp. 9-17.
- Brown, P. & Fraser, C. 1979. «Speech as a marker of situation», in Scherer, K. R. e Giles, H. Ed). In *Social Markers in Speech*. Cambridge:Cambridge University Press/ Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Cornille, Jean-Louis 1983. L'Assignation, analyse d'un pacte épistolaire. *Les Correspondances - Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du Colloque International Les Correspondances*, Nantes: Publication de l'Université de Nantes, pp. 25-51.
- Cosnier, Jacques 1987. L'éthologie du dialogue. In C. Kerbrat-Orecchioni e C. Cosnier (eds.). *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 291-316.
- Coulmas, Florian 1981. Introduction F.Coumas (ed.). *Conversational Routine, Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned speech*, Paris/New York, The Hague, Mouton Publishers. Vol. 2, pp.1-2.
- Cunha, Celso & Luís F. Lindley Cintra 1987. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.Lisboa: Edições João Sá da Costa, 4ª. Edição.
- Diaz, Brigitte 2002. *La Lettre ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Goffman, Erving 1973. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Vol. 2. *Les relations en public*. Paris: Éditions de Minuit.
- Dauphin, Cécile (dir.) 1995. *Ces bonnes lettres: une correspondances familiale au XIX^e siècle*. Paris: Albin-Michel.
- Duchêne, Roger 1990. Le mythe de l'épistolière: Madame de Sévigné, Bossis, Mireille e Charles A. Porter (dir.). *L'Épistolarité à travers les siècles – Geste de communication et/ou d'Écriture*. Centre Culturel International de Cersiy-la-Salle. Stuttgart: F.S. Verlag, pp. 11-19.
- Haroche-Bouzinac, Geneviève 1995. *L'Épistolaire*. Paris: Hachette Supérieur.
- Jauss, Hans Robert 1978. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard.
- Kauffman, Vincent 1990. *L'équivoque épistolaire*. Paris: Éditions de Minuit.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine 1998. L'interaction épistolaire, In Jürgen Siess (dir.). *La lettre, entre réel et fiction*. Paris: Sedes, pp.15-36.
- Landowski Éric 1988. La Lettre comme acte de présence. *La Lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*:Éditions Universitaires de Fribourg, pp. 19-26.
- Lejeune, Philippe 1976. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil.
- Melançon, Benoît 1996. *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII^e siècle*. Québec, Bibliothèque Nationale du Québec, Montréal: Éditions Fides.
- Meurillon, Christian 1984. La lettre au coeur de l'écriture pascalienne. In *Revue de Sciences Humaines*, n° 195, juillet-septembre, pp. 5-18.
- Rougeot, Jacques 1978. La Littérature épistolaire. In Jean Bessière, M. Bloch e D. Couty, (dir.) *Littérature et Genres Littéraires*. Paris: Larousse, pp. 169-178.
- Roulet, Eddy 1985. Structures hiérarchiques et polyphoniques du discours. In Eddy Roulet *et alii* (dir.). *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang, pp. 9-84.
- Roulet, Eddy 1995. Vers une approche Modulaire de l'Analyse de l'Interaction Verbale. In Danièle Véronique & Robert Vion (éds.). *Modèles de l'Interaction Verbale*. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, pp. 113-126.
- Seara, Isabel Roboredo 2004. L'Utopie dans la correspondance de Mário de Sá-Carneiro. In *Revue de l'AIRe-Lettre et Utopie*, n° 30. Paris: Honoré Champion, pp. 82-102.

- Seara, Isabel Roboredo (no prelo) Texto epistolar: epifania do eu ou culto do social? In *Formas e espaços de sociabilidade. Contributos para uma história da cultura em Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta/ Instituto Camões.
- Silva, Maria Manuela Parreira da 2003. *Realidade e ficção. Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Traverso, Véronique 1996. *La Conversation Familiale - Analyse des pratiques des interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Violi, Patrizia 1988. Présence et absence. Stratégies d'énonciation dans la lettre. Aljirdas J. Greimas & Jean-Blaize Grize *et al.* (dir) *La Lettre, approches sémiotiques Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*. Fribourg: Éditions Universitaires, pp. 27-36.